



Além da edição impressa, as notícias do Agronegócio são publicadas diariamente no site do JC. Aponte a câmera do celular para o QR Code e acesse. www.jornaldocomercio.com/agro



Setor avícola avalia impacto nas exportações

Após registro do foco da doença de Newcastle, governo federal adotou a autossuspensão dos embarques externos

Claudio Medaglia
claudiom@jcrs.com.br

Um dia depois de o Ministério da Agricultura e Pecuária (Mapa) confirmar a presença de um foco da doença de Newcastle em um aviário comercial no município de Anta Gorda, no Vale do Taquari, a Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA) e a Associação Gaúcha de Avicultura (Asgav) traçaram uma previsão do impacto do caso sobre as exportações do setor. Conforme as entidades, ainda é cedo para apontar um cenário definitivo, mas a tendência é de acomodação dos mercados, a partir das negociações bilaterais entre o governo federal e os cerca de 150 países que compram produtos avícolas do Brasil.

Conforme prevê a Organização Mundial de Saúde Animal (Omsa), o País suspendeu os embarques para o mercado externo e está comunicando diretamente cada um dos seus clientes para tratar sobre a delimitação da área onde os bloqueios comerciais serão estabelecidos. A situação varia, conforme decisão de cada parceiro comercial, esclareceu o presidente da ABPA, Ricardo Santin em concorrida coletiva de imprensa na tarde de sexta-feira.

Alguns países, como China, Argentina e a União Europeia, impuseram a interrupção das exportações de produtos avícolas de todo o Brasil. Já o Japão definiu que seguirá comprando do Brasil,

desde que os cortes de aves sejam oriundos de estabelecimentos distantes pelo menos 50 quilômetros do foco, enquanto a Arábia Saudita embargou todo o Rio Grande do Sul.

“O cliente é soberano, e nós respeitamos. Nosso papel é ser transparente e agir com agilidade para garantir a eliminação da doença e comprovar a biossegurança do nosso sistema produtivo, bem como a sanidade dos produtos que chegam ao mercado”, observou o dirigente.

Conforme a ABPA, o Brasil, que detém 37% do mercado desse segmento no mundo, produz 1,2 milhão de toneladas de cortes de frango por mês. Desse total, 430 mil toneladas seguem para diferentes destinos. No pior cenário projetado, caso todos os países com acordos de suspensão total das importações decidissem manter o status atual, o impacto seria de aproximadamente 60 mil toneladas. O Rio Grande do Sul, que representa cerca de 15% da produção nacional, produz 160 mil toneladas mensais, das quais 59 mil toneladas são para o mercado externo. E deixaria de exportar em torno de 12 mil toneladas mensais.

Mas esse quadro não deverá se confirmar. Santin explicou que muitos produtos deverão encontrar novos destinos ou mesmo serão absorvidos no mercado interno. “Boa parte do que exportamos são pés e patas de frango. E o que não for vendido para a China

pode, por exemplo, ir para o Vietnã. Igualmente, a carne de frango pode ser comercializada para países que não tenham o mesmo protocolo de restrição, tanto para o Brasil quanto para o Rio Grande do Sul ou mesmo o entorno do foco da doença. Só saberemos o tamanho do impacto econômico em cerca de 30 dias, quando a situação comercial estiver consolidada”.

Em Anta Gorda, embora 7 mil aves de uma mesma granja tenham morrido em curto espaço de tempo, as outras 7 mil que estavam no mesmo aviário sequer apresentaram sinais clínicos ou sintomas da doença. E nos 12 testes realizados com amostras obtidas naquele plantel, apenas um teve resultado positivo para Newcastle. Mesmo assim, todos os animais que restaram foram mortos e enterrados, de acordo com os protocolos da Omsa. O presidente da Asgav, José Eduardo dos Santos, reafirmou que as mortes podem ter sido causadas pelo frio intenso que atingiu a região no



CLAUDIO MEDAGLIA/ESPECIAL/JC

Santin e Santos garantem segurança sanitária no consumo de frango

começo de julho. O local foi atingido por granizo, que provocou a quebra de parte do telhado. É por ali que os técnicos acreditam possa ter entrado o vírus, identificado por sequenciamento genético como oriundo de um pombo.

“Imediatamente, demos início à adoção de todas as medidas

para isolar o local, colher amostras e encaminhar para análise laboratorial. Os órgãos oficiais foram alertados e definidos um raio de contenção de três quilômetros e um de monitoramento, de 10 quilômetros. Os parceiros foram avisados imediatamente. Estamos mostrando a seriedade do trabalho e tranquilizando a população e os mercados quanto à segurança do consumo dos nossos produtos”, observou.

As autoridades e o setor privado garantem que o consumo humano de produtos eventualmente infectados não oferece qualquer risco à saúde. Mas se antecipam a assegurar que o sistema é tão eficiente, que nenhum corte fora do padrão sanitário chega ao mercado.

A enfermidade

A doença de Newcastle (DNC) é uma enfermidade viral que afeta aves domésticas e silvestres, causando sinais respiratórios, frequentemente seguidos por manifestações nervosas, diarreia e edema da cabeça nestes animais. De notificação obrigatória a OMSA, ela é causada pela infecção por vírus pertencente ao grupo paramixovírus aviário sorotipo 1 (APMV-1), virulento em aves de produção comercial. Os últimos casos confirmados no Brasil ocorreram em 2006 e em aves de subsistência, nos estados do Amazonas, Mato Grosso e Rio Grande do Sul.

Ministério Agricultura descarta novos casos de doença aviária no Estado

O Ministério da Agricultura e Pecuária (Mapa) informou ontem que três casos suspeitos de doença de Newcastle no Rio Grande do Sul foram descartados, após as análises do Laboratório Federal de Defesa Agropecuária de São Paulo (LFDA-SP) revelarem resultado

negativo para o vírus. A doença viral atinge aves silvestres e comerciais e é altamente contagiosa para os animais.

As amostras foram coletadas na sexta-feira em três propriedades suspeitas, localizadas na zona de proteção estabelecida para DNC

pela equipe de vigilância e defesa sanitária animal do estado em conjunto com a equipe do Mapa.

“Os resultados negativos são uma sinalização extremamente positiva sobre a contenção desse evento sanitário, o que é importante para resolução rápida da si-

tuação, e reforça a robustez do sistema de defesa agropecuária do Brasil”, disse o ministério neste domingo. O Mapa informou ainda que estão sendo montadas barreiras sanitárias na região do Vale do Taquari. Além disso, as investigações epidemiológicas continuam

na zona de vigilância de proteção e em todo o Rio Grande do Sul.

Na sexta-feira, o Mapa publicou Portaria que declara estado de emergência zoossanitária no Estado do Rio Grande do Sul por conta do ressurgimento da doença no Estado após 18 anos.

Reduza seu custo de energia em até

40% ZERO INVESTIMENTO

Conheça nossas soluções personalizadas em gestão de energia no agronegócio



www.gebras.com

53.30282233